

SOCIEDADE, CULTURA E EDUCAÇÃO: REFLEXÕES A PARTIR DE DEBORD E BAUMAN SOBRE AS TRANSFORMAÇÕES NA CONTEMPORANEIDADE

SOCIETY, CULTURE, AND EDUCATION: DEBORD AND BAUMAN'S REFLECTIONS ON CONTEMPORARY TRANSFORMATIONS

SOCIEDAD, CULTURA Y EDUCACIÓN: REFLEXIONES DE DEBORD Y BAUMAN SOBRE LAS TRANSFORMACIONES EN LO TIEMPO CONTEMPORÁNEO

 10.56238/revgeov16n4-072

Adriani Pereira

Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Educação
Instituição: Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)
E-mail: prof.adrianipereira@gmail.com

Laura Daiana Oliveira Silva

Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação
Instituição: Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)
E-mail: laura.daiana@hotmail.com

Aparecida Favoreto

Doutora em Educação
Instituição: Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)
E-mail: aparecida.favoreto@unioeste.br

RESUMO

O comportamento dos indivíduos na atualidade apresenta muitas nuances que chamam a atenção, principalmente a necessidade que se tem de se colocar no centro do consumo e da visibilidade midiática, desenvolvendo a vida como em um palco de espetáculos, impulsionados pelo modo de vida capitalista. Essa espetacularização não é recente, como apresentada na obra de Debord, mas responde às mudanças cada vez mais velozes em um ambiente altamente volátil e incerto, como apresentado pelas considerações de Bauman. Faz-se necessário o entendimento dessas peculiaridades para tomar consciência do que está acontecendo com a educação e o que se espera dos educadores frente a esses dilemas. Este artigo, por meio de pesquisa bibliográfica, apresenta a correlação dos pensamentos centrais desses dois autores consagrados como fomento para uma reflexão sobre os desafios da educação no contexto da pós-modernidade.

Palavras-chave: Sociedade do Espetáculo. Modernidade Líquida. Mídias. Desafios Educacionais.

ABSTRACT

The behavior of individuals presently shows up many nuances that draw attention, especially the need to be at the center of consumption and media visibility, shaping life as in a stage for spectacles, driven by the capitalist way of life. The spectacularization is not recent, as presented in Debord's work, but responds to increasingly faster changes in a highly volatile and uncertain, as discussed by Bauman.



Understanding these peculiarities is essential to take consciousness of what is happening in education and what is expected from educators in facing these dilemmas. This paper, through bibliographic research, presents the correlation between the central ideas of these two renowned authors as a stimulus for reflection on the challenges of education in post-modernity context.

Keywords: Society of Spectacle. Liquid Modernity. Medias. Educational Challenges.

RESUMEN

El comportamiento de los individuos en la actualidad presenta numerosos matices que llaman la atención, especialmente la necesidad de situarse en el centro del consumo y de la visibilidad mediática, desarrollando la vida como si fuera un escenario de espectáculos, impulsados por el modo de vida capitalista. Esta espectacularización no es un fenómeno reciente, como lo expone Debord, pero responde a los cambios cada vez más acelerados en un entorno altamente volátil e incierto, tal como plantea Bauman. Resulta necesario comprender estas particularidades para tomar conciencia de lo que está ocurriendo con la educación y de lo que se espera de los educadores frente a tales dilemas. Este artículo, a través de una investigación bibliográfica, presenta la correlación entre los pensamientos centrales de estos dos autores consagrados, como punto de partida para una reflexión sobre los desafíos de la educación en el contexto de la posmodernidad.

Palabras clave: Sociedad del Espectáculo. Modernidad Líquida. Medios. Desafíos Educativos.



1 INTRODUÇÃO

O presente estudo tem por intenção demonstrar as correlações entre os pensamentos de Guy Debord e Zygmunt Bauman, sobretudo no que tange às transformações sociais e culturais que implicam em um novo desafio para a juventude, educação e, conseqüentemente, para os educadores. Portanto, a partir da revisão bibliográfica e da análise crítica das obras centrais de ambos os autores Debord e Bauman, além de outros autores do campo da filosofia e sociologia, foram traçados os paralelos entre os pensamentos aludidos e a forma destacam a influência midiática e consumerista na constituição da vida social.

Como ficará exposto, essas transformações não são tão atuais quanto se pensa a princípio: a obra de Debord foi escrita em 1967, mas a análise feita pelo autor está carregada de atualidades. Quando Debord cunha o termo “sociedade do espetáculo”, se refere a um contexto social em que as imagens ganham primazia em detrimento da realidade, moldando as leituras de mundo e comportamento dos membros dessa sociedade. Essa descrição foi muito intensificada com o desenvolvimento célere da tecnologia e das redes sociais, que enfatizam a aparência e consumo de conteúdos e produtos superficiais.

Em Bauman, tem-se a voz da transitoriedade inerente à modernidade líquida, cujo movimento flexível oportuniza a superficialidade das relações contemporâneas, aprofundado com a emergência das mídias sociais. Os indivíduos são ininterruptamente forçados a se adaptar às novas tendências, o que causa sensação de incerteza, usurpando-lhes o senso de pertencimento e a identidade.

Debord explica como o espetáculo permeia e deturpa a realidade, ponto que Bauman ressalta que essa alteração se dá pela volatilidade e vulnerabilidade das relações. Ambos os autores se complementam, de modo que a fluidez efêmera descrita por Bauman arremata as interações imagéticas de Debord.

Os dois autores apresentam o sistema capitalista como mote acelerador desse processo transformacional. A lógica consumerista e a incansável busca por novas experiências, anunciadas como inerentemente boas, moldam o comportamento, os valores e interações sociais da juventude, implicando nos processos educativos.

Apesar de serem transformações significativas, não se tem, ao menos nas obras pesquisadas, um direcionamento claro sobre o que fazer em relação à educação e as adaptações necessárias que terão que ser feitas nesse novo contexto, apenas que algo deverá ser feito.

Diante do exposto, alude-se às obras de Debord e Bauman como centrais no presente estudo e as obras periféricas que as circundam.



2 GUY DEBORD E A SOCIEDADE DO ESPETÁCULO

De acordo com Debord (1988), na sociedade atual, a qual ele denomina de “sociedade do espetáculo”, as imagens são hipervalorizadas em detrimento de aspectos da realidade.

Paulatinamente, esse espetáculo imagético afeta a compreensão social da vida, sobretudo com o avanço das tecnologias, mídias e redes sociais, que permitem o compartilhamento imediato e irrestrito de imagens que capturam os melhores momentos de suas vidas. Dessa forma, promove-se estilos de vida, experiências e produtos de forma cada vez mais intensa.

O consumo desse tipo de conteúdo pelos usuários das redes lhes incute uma realidade distorcida, em que a vida perfeita do outro impede que a sua seja desfrutada como é. Isto porque os percalços sofridos não são compartilhados, e aqueles que não têm o mesmo estilo de vida, essa plateia desavisada de usuários encantados com o espetáculo, percebem as dificuldades como experiências individuais.

Debord (1988) informa que as imagens se tornam motivações de um comportamento hipnótico, sedutor, de forma a impor a ideologia dominante na medida em que os padrões de consumo se naturalizam com a exposição do modo de vida capitalista. Nessa disputa ideológica, o espetáculo se consolida como visão de mundo hegemônica enquanto se sufocam outras formas de compreensão da realidade.

Simultaneamente, os produtos exibidos sequer têm sua utilidade questionada pelo usuário, que uma vez exposto às imagens irreais, glamourosas e idealizadas, passa a comparar sua vida real com o espetáculo compartilhado por outros, considerando-o como verdade, e não como imagens editadas e cuidadosamente controladas.

Assim, a unidade da vida enfrenta dificuldades de se reestabelecer, na medida em que as pessoas se acostumam apenas com os destaques, recortes da vida eternizados em vídeos e fotos postados nas redes. A realidade passa a ser tratada como uma situação de exceção, ou “pseudomundo”, como explica Debord (1988), criado apenas para observação, enquanto as imagens e o espetáculo ganham status de realidade.

O que é apresentado como verdadeiro, como elucida o autor, não passa de uma manipulação da realidade para sustentar a fábula do espetáculo por meio de imagens carregadas das intencionalidades do capital, que aliena um mercado globalizado e interconectado. Essa construção vendida como verdade dá suporte à forma que as pessoas agem e decidem sobre suas vidas reais, ocasionando um ciclo de alienação que funde a imagem à realidade. Cazavechia (2023, p. 214) anota que “a alienação da aparência, seja pelo trabalho ou pelo lazer, foi constituída como a esfera última da realidade da vida cotidiana”.

Nessa perspectiva, conforme previa Debord (1988, p. 14), o espetáculo inverte a vida, no sentido de que as imagens se autonomizam, e a sociedade passa a acreditar mais na imagem do que na



realidade, em um processo em que “o mentiroso mente a si próprio” e acredita nas ilusões que ele mesmo criou.

Esse autoengano é frequentemente evidenciado pelos estilos de vida promovido pelos influenciadores, muitas vezes irreais, cujas vidas parecem ser perfeitas o tempo todo. Expostos às representações, os seguidores aspiram uma realidade que não existe, com glamour incessante, produtos e viagens a lugares aparentemente magníficos, tudo promovido pelo marketing de influência.

Em consonância com os escritos de Debord (1988, p. 16), as aparências, advindas das imagens promovidas pelo espetáculo, negam a essência da vida, a realidade é obscurecida na medida em que as representações a distorcem para criar um ideal inalcançável. É o que o autor chama de “negação visível da vida”, em que o espetáculo é um sonho do qual a sociedade pós-moderna não deseja acordar.

O autor demonstra que o espetáculo é a sociedade em si e ao mesmo tempo um instrumento de unificação. Contudo, essa unificação é apenas a “linguagem oficial da separação generalizada” (DEBORD, 1988, p.14), pois enquanto prega a existência de um mundo coeso criado pela ilusão imagética, reforça a separação social.

Se observa essa separação dita por Debord (1988), na indústria da moda que vende um padrão inalcançável de luxo, corpo e estética que não condizem com a realidade da maioria do público, gerando divisão conforme o senso de pertencimento ou de exclusão. A forma de vida da sociedade do espetáculo observada pelo autor é baseada no consumo enquanto prática, enquanto experiência promovida pelas imagens do espetáculo, definindo a existência, visto que as pessoas baseiam no consumo sua satisfação e individualidade. Resta ignorada a sensação de inadequação daqueles que não podem ostentar o mesmo estilo de vida.

Segundo o autor, o espetáculo expressa uma ideologia que se efetivou, na medida em que a cosmovisão social a respeito da realidade se cristaliza nas imagens difundidas. Essa ideologia dominante é fortalecida pelo irrealismo social, reafirmando continuamente as escolhas feitas na produção por meio do consumo, de modo que o espetáculo atua como meio e fim do modo de produção e de consumo atual.

Argumenta Debord (1988), que à medida que o espetáculo se penetra na realidade, se evidencia o reforço das estruturas de dominação, pois o real é deformado nas falsas consciências, que legitimam a ideologia dominante por meio da abstração e da aceitação da ilusão enquanto verdade, confundindo-se com a própria realidade social. Ou seja, a ideologia materializada.

As abstrações ora mencionadas são de cunho universal – como liberdade, igualdade – aceitas e promovidas como indiscutíveis, de modo que a percepção coletiva é moldada para que o *status quo* seja justificado, conservado e salvaguardado pelo discurso.

O consumo passa a ocupar, portanto, uma centralidade na vida hodierna, mercantilizando as relações sociais, visto que coisas como bens, ideias, culturas e pessoas se transformam em



mercadorias comerciáveis, tornando os indivíduos conectados apenas pelo “laço do frio interesse”, na medida em que a liberdade comercial suplanta a dignidade pessoal (MARX; ENGELS, 2005, p. 42).

Veja-se que com a forma social baseada no espetáculo, no qual Debord (1988) afirma que o “parecer” se torna cada vez mais importante do que verdadeiramente “ser” mantém as pessoas atuando. Assim, a estrutura e objetivos da sociedade capitalista perpetua o trabalho e o consumo, num cenário em que aquele é apenas um meio para oportunizar este.

O discurso do espetáculo é de força sempre otimista, corroborando com as imagens e valores tidos como fundamentalmente bons e desejáveis. Essa doutrina é tão convincente, hegemônica e universal que se torna incontestável, sendo aceitas e validadas passivamente pelas pessoas como verdades absolutas, visto que não há visões alternativas, pois o público não detém o controle da narrativa.

As formas de entretenimento, como as mídias disponibilizadas em plataformas de *streaming* moldam a visão de mundo, promovem estilos de vida ideais, cuja felicidade advém do consumo e do reconhecimento do padrão social capitalista. Ao mesmo tempo, as desigualdades estruturais são vendidas como condições naturais da existência do sistema, justificadas pela possibilidade de alcançar o estilo de vida promovido como forma de alcance do sucesso.

Debord (1988) analisa essa separação da realidade e da imagem no sentido de que a prática social (*práxis*) faz com que o espetáculo parecer ser o objetivo final da vida real, que é ignorada ou distorcida pela imagem. Tanto é assim que a imagem pessoal frequentemente é moldada para *posts* em redes sociais, o que demanda muito tempo e recursos, deixando de lado as experiências de fato vividas, para se ajustar à narrativa do espetáculo.

Contudo, Debord (1988) esclarece que o objetivo é fundir a realidade e o espetáculo, onde o real aparece no espetáculo, que se penetra no real. Essa alienação mútua sustenta a sociedade atual, na qual a realidade é manipulada e distorcida antes de ser compartilhada com os demais, e as pessoas passam a viver conforme o conteúdo espetacular que veem, moldando sua conduta, sonhos, estética, valores.

Desta feita, o pensador afirma que a sociedade pende das representações para manutenção do arranjo econômico-social e comportamental, e as imagens precisam da realidade para alimentar-se de conteúdo e contexto. Nesse ciclo autorreferencial, a *práxis* social é reafirmada e moldada conforme o espetáculo vigente, pois sua tautologia é os meios e os fins simultaneamente.

Mais do que mera afirmação da aparência, Debord (1988, p. 17) ensina que o espetáculo significa “o sentido da prática total da formação econômico-social”, isto é, trata-se da manifestação da totalidade social, sua organização econômica, social e cultural. O espetáculo expressa como os membros da sociedade contemporânea empregam seu tempo e energia, é uma foto do presente.



Segundo o autor, o espetáculo transparece e perpetua o modelo econômico, moldando imagens-objetos que influenciam na realidade individual. A estrutura capitalista é exposta com uma visão racional, em que tudo é muito coerente, funcional e apetecível, de modo que o espetáculo se desenvolve como um setor econômico avançado. “O espetáculo é principal produção da sociedade atual” (DEBORD, 1988 p. 18).

Assiste razão ao mencionar que o espetáculo se apresenta como um mecanismo independente que domina os sujeitos à sua lógica. É verdade que a economia já submeteu os indivíduos por meio do trabalho, produção e consumo, mas é o espetáculo que molda a concepção de mundo e dele mesmo.

Os fins do sistema, segundo o autor, são possibilitados pelo espetáculo ao passo que o incentivo ao consumo constante deságua no lucro contínuo, enquanto faz as vezes de um mecanismo de controle social, visto que molda os desejos pessoais, os padrões de comportamento.

Paulatinamente, os aspectos econômicos passaram a domar os aspectos sociais, sendo que a realização humana passou a ser definida pelo “ter”. Debord (1988) assinala que em um contexto econômico no qual a sociedade está tomada pelo “ter”, a realização pessoal aponta rumos para o “parecer”, e a satisfação deixa de ser pessoal para ser social, pois “parecer” envolve a apreciação e julgamento de outrem.

Sobre o “ter”, Fromm (2002) ressalta que em sociedades centradas nas coisas, voltadas para obtenção de bens e para a aquisição de lucro, o que antes era ligado à experiência e essência passou a ser conectado à posse e à aparência, indicando uma alienação do sujeito em relação aos aspectos subjetivos da vida.

Corroborando com esse pensamento, Favoreto, Oliveira e Figueiredo (2021), aludem que o valor social do trabalho passou à capacidade de acumulação de capital, levando os indivíduos a aglutinar bens materiais para a manutenção de seu status social, onde o ter predominou nas relações capitalistas.

O ter, que está intrinsecamente ligado ao consumir, possui a ambiguidade em suas características, pois “[...] liberta da ansiedade, dado aquilo que se *tem* não nos pode ser retirado; mas ao mesmo tempo exige que se consuma cada vez mais, porque tudo o que se consumiu depressa perde o seu caráter satisfatório” (FROMM, 2002, p. 36).

Para Barbosa e Campbell (2006, p. 21), além de ambíguo, o consumo é elusivo, na medida em que “embora seja um pré-requisito para a reprodução física e social de qualquer sociedade humana, só se toma conhecimento de sua existência quando e classificado, pelos padrões ocidentais, como supérfluo, ostentário ou conspícuo”, caso contrário, nem seria percebido.

Em consonância com esse pensamento, Debord (1988) leva a crer que a busca incessante pelo consumo faz com que as pessoas se submetam a condições cada vez mais degradantes de trabalho, pois com o fruto deste trabalho terão acesso aos produtos das imagens. Com o adorno dos objetos, os produtos deixam



de ser apenas funcionais, e passam a ser símbolos de status social, pertencimento de grupo, beleza, inovação e sucesso.

Essa falsa consciência alimenta a superexploração do trabalho, na medida em que este possibilita a obtenção de produtos, com o discurso de felicidade por meio do consumo, típico da classe dominante. Assim, cada vez mais acríticos, os membros do espetáculo desenvolvem um comportamento conformista, ao passo que passam a consumir sem questionar.

Dessa forma, o consumo leva ao consumo (FROMM, 2002), mas a aceitação do espetáculo é essencial para a sobrevivência. Debord (1988, p. 32) menciona que “se a sobrevivência consumível é algo que deve aumentar sempre, é porque ela não para de conter em si a privação”.

O pensador revela que as divisões de trabalho foram sendo lapidadas, e as máquinas se desenvolveram de forma autônoma, possibilitando a ampliação do mercado, ao passo que esse movimento dissolveu o senso crítico. A separação do trabalhador da atividade que ele mesmo desempenha anuncia o sucesso do aparelho econômico na “proletarização do mundo” (DEBORD, 1988, p. 24).

Essa alienação impede que o público compreenda a complexa estrutura em que se insere. Debord (1988) destaca que a autoridade, o controle e o poder se tornaram funções sociais específicas, nas quais o espetáculo é especialista, e sua comunicação unilateral esconde a essência da sociedade.

Esse discurso hegemônico camufla a crise estrutural do capital e seus desequilíbrios, ao passo que em caso de fracasso, passa-se a culpabilizar o indivíduo pelo insucesso. Isso alimenta o discurso meritocrático, segundo o qual basta se esforçar que os objetivos pessoais serão alcançados, como se não houvesse questões tangenciais a serem balizadas.

Cazavechia (2023, p. 214) observa que “no espetáculo, uma parte do mundo se representou como o mundo e se fez superior”. Assim, a estrutura capitalista permanece estável, visto que valores e normas necessárias à manutenção do sistema são reforçados pelo espetáculo, que proporciona uma narrativa utópica, enquanto a desigualdade social e a alienação do trabalho são ignoradas, porque justificadas pelos estilos de vida e de consumo desejáveis, promovidos pelas imagens. A realidade social é editada conforme a ideologia dominante.

A educação brasileira também se amolda ao espetáculo e ensina o jovem para as demandas do mundo do trabalho, da exploração capitalista, em vez de se centrar nas necessidades dos indivíduos enquanto tais. Dessa forma, presencia-se o atrofiamento do pensamento crítico e da criatividade, sobretudo na juventude atual de nativos digitais, constantemente expostos às representações.

No contexto educacional, os professores vêm enfrentando desvalorização profissional, estagnação salarial, condições precárias de trabalho e outros desafios. Souza (2018) chama atenção ao adoecimento generalizado dessa classe de trabalhadores, na medida em que há cada vez mais cobranças por produtividade e resultados – conceitos íntimos da lógica do capital – e a culpabilização dos docentes em caso de fracasso escolar. Fatores como esses reverbera no desinteresse pelas profissões da área da educação.



Perez (2018) nota que ocorre cada vez mais a intensificação e fragmentação do trabalho docente, que busca aumentar o rendimento por meio da velocidade obtida pela repetição da mesma tarefa. A mecanização do trabalho subtrai a subjetividade e a capacidade reflexiva, pilar da classe docente, implicando na sobrecarga de trabalho.

Nessa lógica espetacular, os educadores convivem com a superficialidade que frequentemente se sobrepõe à reflexão, não se desenvolve um olhar crítico sobre a veracidade dessas imagens, que sequer é questionada. Mantêm-se veladas as múltiplas jornadas de trabalho, a sobrecarga laboral, o déficit de descanso e lazer, o baixo grau de autonomia no desenvolvimento profissional.

Os estudantes também enfrentam a distorção da realidade, pois ao comparar-se com as imagens idealizadas, há uma sensação de inadequação e desgosto com a própria realidade. Os efeitos psicológicos dessa exposição incluem baixa autoestima, ansiedade e depressão, elucidando a importância do ensino dos mecanismos midiáticos de sedução, a fim de resistir às influências do espetáculo.

As funções sociais desempenhadas pelo espetáculo podem ser verificadas no âmbito educacional, na medida em que o “sucesso” e o “progresso” são pretextos para práticas educacionais que não permitem que o aluno se aproprie do conhecimento, impedindo o exercício da práxis na medida em que mantêm teoria e prática separadas, e se predomina uma superficialização do ensino por meio das tecnologias de informação.

Debord (1988) é líder teórico do situacionismo, que argumenta que o sujeito deve se autocriar, a fim de tomar posse de seu mundo, consciente da realidade. Para tanto, deve ser feita uma transformação radical da estrutura para que os valores sejam pessoais e subjetivos, tendo as vontades individuais como base, ignorando o espetáculo e construindo sua vida cotidiana conforme o próprio potencial, desligando-se da alienação imposta.

3 ZIGMUNT BAUMAN E MODERNIDADE LÍQUIDA

Bauman não utiliza o termo pós-modernidade em seus escritos, ele se refere à atualidade como tempos líquidos onde, assim como a água, nada permanece com a mesma forma por um período longo. A metáfora da liquidez traz a transitoriedade como mote principal de sua obra, trazendo em comuns em alguns pontos tais como: a efemeridade, flexibilidade e superficialidade das relações, decorrentes de um pensamento individualista.

Para iniciar a compreensão em Modernidade Líquida, Bauman (2001) faz a diferenciação entre modernidade sólida e modernidade líquida. Na modernidade sólida as estruturas sociais eram bem delimitadas e definidas, tanto o sistema econômico como o político eram previsíveis e mantinham uma estabilidade.

As relações sociais eram estreitas e longevas, como nos casamentos que normalmente se davam na adolescência e duravam uma vida toda, ou como nos empregos em que as pessoas tinham orgulho em mostrar que o primeiro foi o último, e as pessoas que ao longo de sua jornada trabalhista



apresentavam poucas alterações, como dois ou três empregos não eram vistos com bons olhos pela sociedade. Até os produtos eram feitos para durarem por muito tempo.

O que movia a sociedade nesse período era a permanência, a durabilidade, a estabilidade, em todos os meios e em todas as relações. Onde “os primeiros sólidos a derreter e os primeiros sagrados a profanar eram as lealdades tradicionais, os direitos costumeiros e as obrigações que atavam pés e mãos, impediam os movimentos e restringiam as iniciativas.” (BAUMAN, 2001, p. 10).

Já na modernidade líquida, aparecem as incertezas, o fluído, a instabilidade, imprevisibilidade, o volátil, onde diferentemente da modernidade anterior, nada é feito para durar. Aqui o capitalismo dá o tom, dita o ritmo, a própria sobrevivência do sistema depende da quebra de paradigmas da modernidade sólida. Onde prepondera a regra máxima do lucro, de acordo com Dardot e Laval (2016).

O indivíduo passa a ser definido pelo que consome, produtos e informações em um contexto de “capitalismo leve” demarcado pelos avanços neoliberais e substituição da autoridade do Estado por diversas instituições eleitas por sua capacidade de sedução e amigabilidade (POISK; TORRENTES; FAVORETO, 2023). Dentre estas se destacam os já abordados influenciadores e produtores de conteúdo digital, mas também as corporações, celebridades, plataformas digitais, movimentos midiáticos e filantrópicos.

De produtos feitos para durar, houve a inserção nas indústrias da obsolescência programada. Produtos fabricados para se tornarem obsoletos, dando impulso ainda maior para o consumismo desenfreado, desde os *fast food* até o *fast model*. Tudo é rápido! A única constante é a inconstância, o impermanente. Tem-se aqui um dos propósitos do capital salientado por Mészáros (2011), a sua reprodução máxima, independente do custo social que isso possa acarretar.

Bauman (2001, p. 99) comenta que “a vida organizada em torno do consumo, deve se bastar sem normas: ela é orientada pela sedução, por desejos sempre crescentes e quererem voláteis [...]”. Nessa sociedade consumista, a comparação impera onde o luxo de hoje se torna a necessidade do amanhã e o impulso para a compra, para ter a versão mais nova, o último lançamento, o último modelo, mesmo que não se tenha aproveitado todas os benefícios da versão anterior.

O mercado capitalista incute desejos, que leva os consumidores a correrem, cada vez mais, atrás de sensações que transmitam segurança e confiança. Mas até essas sensações são rápidas, *fast*, e precisam ser procuradas de outras formas, normalmente em outras compras da versão mais recente, do modelo mais atual. O autor se refere a esse processo como um “exorcismo” que chega a ser diário e é praticado a luz do dia, feito para apaziguar as sensações negativas de incertezas e inseguranças, de forma a permitir que o jogo tenha continuidade.

Os indivíduos passam a ter uma vida no outro, como se a vida deste sempre fosse melhor e pudesse ser copiada. A vida que se deseja é aquela que está na TV, atualizando ainda mais, a vida que está nas redes sociais. Constrói-se uma identidade fragilizada, que só parece sólida se vista de longe,



pois é quebradiça e vulnerável, faltam as experiências próprias trocadas pelas dos outros. “Numa sociedade de consumo, compartilhar a dependência de consumidor – a dependência *universal* das compras – é a condição *sine qua non* de toda liberdade *individual*: acima de tudo da liberdade de ser diferente, de ter “identidade.” (BAUMAN, 2001, p. 108)

Aqui tem-se uma das correlações com a Sociedade do Espetáculo de Debord, não mencionada por Bauman, mas que pode ser utilizada. A vida irreal passa a ser “real” após ser depurada, filtrada, para que possa ser mostrado uma “identidade” ornamentada no simbólico que coopta os indivíduos que passam logo a segui-las. As pessoas foram entregues ao capitalismo e conseqüentemente, ao consumismo incluindo de identidades. Outra questão pertinente levantada pelo autor, é que o panóptico de Bentham e Foucault não cabe mais aqui. Não é mais um controlando todos os demais, mas sim muitos que observam e controlam poucos. Verifica-se esse comportamento pelos inúmeros *reality shows* e como pessoas chegam a pagar para poder acompanhá-los 24 horas por dia, mesmo que não o façam, mas pela sensação de poder fazê-lo.

“Só o desejar é desejável, quase nunca sua satisfação. [...] Numa sociedade sinóptica de viciados em comprar/assistir, os pobres não podem desviar os olhos; não há mais para onde olhar.” O que leva a frustração e o desejo de ter o que o outro tem. (BAUMAN, 2001, p. 113)

As pessoas foram levadas a ver suas escolhas como uma escolha de consumo, o que é devastador, pois acabam vendo o mundo como um “depósito abarrotado de mercadorias” que podem ser descartadas com a mesma velocidade que podem ser adquiridas. A liberdade de escolher está diretamente imbricada com os recursos que se têm. (BAUMAN, 2001, p. 114)

Na obra *Vida para Consumo*, Bauman (2022) comenta que na sociedade consumista, o sujeito se tornando uma mercadoria, onde a própria subjetividade do indivíduo passa por um esforço para se tornar algo que possa ser vendido. Nas palavras de Fromm (2002, p. 36), “eu sou igual ao que tenho e ao que consumo”. Essas afirmações ganham eco em Campbell (2006, p. 49-50), ao afirmar que a ênfase é dada “ao significado de consumir em relação à afirmação, à confirmação, ou até mesmo à construção da identidade”.

Tais alegações encontram paridade em Mészáros (2011, p. 188), ao salientar que o próprio indivíduo é coisificado pelo capital que passa a tratá-lo como mercadoria, e a subordinar as suas relações de acordo com suas exigências de expansão e reprodução “como sistema de mediação sociometabólico”. Pensamento reverberado em Poisk, Torrentes e Favoreto (2023, p. 7), ao comentarem que “o homem possui a liberdade [...] de escolher sua própria identidade enquanto um produto que está nas prateleiras, que assim como qualquer outro, possui data de validade, cairá em desuso e precisará ser trocado”.

A mercantilização das relações sociais, apontadas por Dardot e Laval (2016) espalha, de acordo com Bauman (2001, p.115), “tristeza, agonia e sofrimento e um volume crescente de vidas partidas,



sem amor e sem perspectivas.” Pois o consumo, de acordo com Campbell (2006, p. 56) “pode ser visto como uma atividade que envolve a exploração do *self*¹, também pode ser visto como uma resposta a insegurança ontológica ou a angústia existencial.”

Em *Capitalismo Parasitário* (2010, p. 9), Bauman reforça a ideia do parágrafo anterior ao asseverar que

o capitalismo é um sistema *parasitário*. Como todos os parasitas, pode prosperar durante certo período, desde que encontre um organismo ainda não explorado que lhe forneça alimento. Mas não pode fazer isso sem prejudicar o hospedeiro. Destruindo assim, cedo ou tarde, as condições de sua prosperidade ou mesmo de sua sobrevivência.

Corroborando com o pensamento de Bauman e em referência a Weber e sua jaula de aço capitalista, Dardot e Laval (2016) asseveram que os indivíduos são levados a construir suas próprias jaulas de aço, dentro de um aspecto disciplinar do sistema dessa nova economia parasitária.

O que se está vendo hoje é um abandono aos padrões rígidos, de critérios, é a busca pela busca apenas como meio de satisfação sem conseguir aproveitar o que acabou de ser adquirido. Essa nova economia, chamada de economia-líquida, centra-se no consumidor e está baseada na demasia de ofertas e obsolescência crescente e no que já foi comentado, na sensação cada vez mais rápida de prazer nas compras, levando a mais compras “transforma numa economia da dissipação e do desperdício.” A produção tem que acompanhar essa velocidade para que os consumidores sejam atendidos na sua busca incessante pelo produto mais atualizado. (BAUMAN, 2010, p. 35)

O autor faz referência aos novos desafios da educação ao descrever que possibilidade de se ver ligado a uma única coisa na vida passa a ser hedionda e rechaçada. A alegria está em descartar para poder substituir, pois o consumismo está para além da acumulação de objetos, mas no prazer descartável. De acordo com o autor, entraria aqui também o conhecimento, onde a educação é vista como mais um produto. As incertezas constantes em um mundo ambíguo, volátil e incerto, o chamado mundo V.U.C.A., não cabe um conhecimento que não muda na mesma velocidade.

Salienta que o mundo para o qual a escola como a conhecemos foi preparada já não é mais o mundo fora da escola. Nesse novo mundo as exigências para as soluções de problemas se descolaram do social para o privado. A uniformidade não vende tão bem quanto a diferença nesses novos tempos.

Este é o gênero de conhecimento (ou o de *inspiração*, melhor dizendo) ardentemente desejado por homens e mulheres dos tempos líquido-modernos. Eles procuram consultores que os ensinem a caminhada, e não professores que os orientem num percurso único e já superlotado. (BAUMAN, 2010, p. 54)

¹ Definido aqui como a representação da totalidade do ser, o "eu" consciente e inconsciente, a percepção de si e a consciência da própria individualidade e autonomia. (MACEDO; SILVEIRA, 2012.)



Ainda comenta que os educadores estão passando pelo maior desafio que enfrentaram em toda a história até aqui, preparar os homens para um mundo tão caótico. Referente a quantidade de informações que temos disponível hoje, o autor comenta que “[...] o mundo que habitamos parece muito mais uma máquina de esquecer que um ambiente favorável e propício ao estudo.” A reforma de estratégias educacionais não resolveria o problema. (BAUMAN, 2022, p. 72)

De acordo com Cazavechia (2023), entre os bens que podem ser consumidos na sociedade capitalista entra a educação. Sobre essa problemática nesse momento líquido e capitalista, Bauman (2013), na obra *Sobre Educação e Juventude*, se refere à dificuldade em resolver o problema educacional ao fazer uma analogia a mísseis balísticos e inteligentes. Onde os mísseis balísticos seriam aqueles usados no passado, e os alvos eram fixos podendo ser atingidos mais facilmente apenas por dados iniciais de localização.

Hoje, como os alvos são móveis, se deslocando com muita rapidez, esses mísseis não teriam mais utilidade, de pouco serviriam, exigindo um míssil inteligente que alterasse sua rota na mesma velocidade de forma a alcançar seu alvo, ou seja, um míssil aprendesse seu percurso. Aqui, o míssil seria o professor e o alvo o aluno.

O único propósito invariável da educação era, é e continuará a ser a preparação desses jovens para a vida segundo as realidades que tenderão a enfrentar. Para estarem preparados, eles precisam da instrução prática e que possa ser utilizada. E, para ser “prático”, o ensino de qualidade precisa provocar e propagar a abertura, não a oclusão mental.

O autor alude que durante muito tempo o professor foi visto pelos filósofos da educação, como o míssil balístico e que na modernidade líquida ele tem que se preparar para se transformar em um míssil inteligente. Deve-se, no entanto, cuidar para não cair em um fim puramente utilitarista da educação.

4 CONCLUSÃO

A apreciação das conexões entre os pensamentos de Debord e Bauman denota uma crítica em relação às transformações ocorridas nas últimas décadas, tanto no aspecto social, quanto educacional e cultural. Tais alterações de conjuntura foram moldadas pelo capitalismo contemporâneo e causam grande impacto na juventude.

A nuvem de palavras a seguir, permite-nos uma imagem comparativa dos termos centrais dos autores, das obras selecionada para este artigo, o que nos permite ter uma visão do diálogo entre elas.



Reforçando essa crítica, a realidade líquida descrita por Bauman é eivada de instabilidades e transitoriedades, na qual as relações são superficiais e efêmeras norteadas por um consumismo voraz.

No âmbito da educação formal, a abordagem de habilidades e competências esculpem o jovem para o mercado do trabalho, treinando-o para a exploração da força laboral em prejuízo de seu desenvolvimento integral.

O espetáculo promove um discurso cuidadosamente aparelhado e alinhado com os interesses econômicos e políticos do sistema vigente. O controle ideológico dominante atravessa a escola, para manutenção do *status quo* e dificulta o pensamento crítico, reflexivo e emancipador, visto que os alunos passam a ser cada vez mais treinados para normalizar o trabalho precarizado.

Assim, os indivíduos são treinados desde muito cedo para alcançarem seus potenciais máximos, possibilitando o melhor desempenho em favor da lógica do capital, seja como futuro superexplorado no processo de produção, consumidor compulsivo, ou como exército de reserva. Significa dizer, a educação como vem sendo desenvolvida corrobora para reforçar a aceitação passiva das condições de exploração do trabalho ao passo que negligencia a formação cidadã.

Nesse cenário, a educação é cada vez mais tratada como um produto a ser consumido, olvidando-se de que se trata de um direito fundamental. Escolas e universidades devem atender às demandas mercadológicas, em detrimento do desenvolvimento integral do aluno, que se torna incapaz refletir sobre a realidade em que se insere.

As alienações promovidas pela sociedade do espetáculo e pela liquidez contemporânea impele os educadores ao desafio de encontrar formas de resistir a tais influências, para que haja uma geração de estudantes que enalteça a realidade, a reflexão e a autonomia.

Para tanto, institui-se o compromisso de resgatar o prazer e amor pelo conhecimento e incuti-lo na juventude espetacularizada, tornando-os capazes de pensar de forma crítica para resistir às influências que buscam torná-los meros consumidores.

A educação deve se adaptar às mudanças constantes da realidade atual e preparar a juventude para que esta também seja agente de transformação, proporcionando uma base sólida, uma direção clara para que os estudantes sejam imunes às manipulações midiáticas.

Não há pretensão de elucidar uma questão tão complexa e profunda, apenas de condensar em uma breve explanação as mudanças mais significativas apontadas por esses dois autores, para que se possa então abrir às possibilidades de transformação enquanto educadores. As mudanças devem ser acompanhadas, porém, sem a educação ser engolida por elas e sem rendição às pressões do consumismo e do espetáculo.

Um desafio hercúleo, mas necessário!



REFERÊNCIAS

BARBOSA, Livia; CAMPBELL, Colin. (Org.). Cultura, consumo e identidade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BAUMAN, Zygmunt. Capitalismo parasitário. Rio de Janeiro: Zahar: 2010.

_____. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Zahar: 2001.

_____. Sobre educação e juventude. Rio de Janeiro: Zahar: 2013.

_____. Vida para o consumo: a transformação das pessoas em mercadorias. Rio de Janeiro: Zahar: 2022.

CAMPBELL, Colin. Eu compro, logo existo: as bases metafísicas do consumo moderno. In: BARBOSA, Livia; CAMPBELL, Colin. (Org.). Cultura, consumo e identidade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p.

CAZAVECHIA, William. A educação na sociedade do espetáculo. São Paulo: Dialética, 2023.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christina. A nova razão do mundo. São Paulo: Boitempo, 2016.

DEBORD, Guy. A sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1988.

DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004.

FAVORETO, Aparecida; OLIVEIRA, Renata Hoeflich Damaso de; FIGUEIREDO, Ireni Marilene Zago. O ser, o ter e o aparecer ter: reflexões sobre a relação entre a educação e a constituição da identidade social. Diálogos Pertinentes – Revista Científica de Letras. v. 17, n. 2, p. 156-175. jul./dez. 2021. Disponível em: <https://publicacoes.unifran.br/index.php/dialogospertinentes/article/view/3733> . Acesso em: 12 set. 2025.

FROMM, Erich. Ter ou ser? 2. ed. Lisboa: Presença, 2002.

MACEDO, Lídia Suzana Rocha de; SILVEIRA, Amanda da Costa da. Self: Um Conceito em Desenvolvimento. Revista Paidéia. Revisão Sistemática da Literatura. mai-ago. 2012, Vol. 22, No. 52, 281-289. <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2012000200014>. Disponível em: <https://revistas.usp.br/paideia/article/view/48010>. Acesso em: 11 set. 2025.

MARX, Karl.; ENGELS, Friedrich. Manifesto comunista. São Paulo: Boitempo, 2005.

MÉSZÁROS, István. Para além do capital: rumo a uma teoria da transição. São Paulo: Boitempo, 2011.

POISK, Camila Casotti; TORRENTES, José Vinícius; FAVORETO, Aparecida. A Construção da Identidade sob as Óticas de Bakhtin, Bauman e Maffesoli. In: Revista Thêma et Scientia. p. 27-39. 2023. Disponível em: <https://themaetscientia.fag.edu.br/index.php/RTES/article/view/1615/1487> Acesso em: 10 set. 2025.

SOUZA, Farney Vinícius Pinto. Adoecimento mental e o trabalho do professor: um estudo de caso na rede pública de ensino. In: Cadernos de Psicologia Social do Trabalho, 2018, p. 103-117.